

## ***O cortiço* de Aluísio Azevedo e o processo de modernização do Rio de Janeiro nas primeiras décadas da república**

***“O Cortiço” by Aluísio Azevedo and Rio de Janeiro’s modernization process in the first decades of the republic***

***Géssika Mendes Vieira***

Mestranda em Educação pela Universidade de Uberaba, graduada em Comunicação Social-Jornalismo pelo Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, especialista em Gestão estratégica de Negócios com ênfase em Marketing também pelo UNIPAM e especialista em Literatura Brasileira pela Universidade de Araraquara – UNIARA.

E-mail: gessikavieira@live.com

***Luís André Nepomuceno***

Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Patos de Minas, Mestre e Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, Pós-doutor pela mesma instituição.

E-mail: luisnepomuceno@unipam.edu.br

---

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar, utilizando o livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, o processo de modernização do Rio de Janeiro que ocorreu no final do Brasil Império, na sua transição para a república e nas suas primeiras décadas. Explorando o romance de Azevedo, são feitas investigações sobre o modo de vida das pessoas que foram banidas do centro da cidade e enviadas para morros, iniciando assim a favelização a partir de cortiços e quartos de cômodos. Também pautado na pesquisa está o relato da negligência do poder público em relação às populações pobres, assim como as intenções de tonarem o Rio de Janeiro uma capital comparada às cidades europeias, o que trouxe danos para a população da época e ainda tem seus resquícios nos dias atuais. Com este trabalho é possível concluir que a obra ficcional mantém forte diálogo com a realidade e que a literatura é uma importante fonte de reflexão da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Naturalismo. Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Modernização. *Belle époque* do Brasil.

**Abstract:** This paper aims to analyze and compare, using the book *O Cortiço* by Aluísio Azevedo, the process of modernization of Rio de Janeiro that occurred at the end of the imperial period in Brazil, in its transition to the first decades of the republic. Exploring Azevedo's novel, investigations are carried out on the way of life of people who were banished from the city center and sent to hills, thus starting the slums from slums and small rooms. Also based on the research is the report of the neglect of the public power in relation to the poor populations, as well as the intentions of making Rio de Janeiro a capital compared to European cities, which caused damage to the population of the time and still has its traces in the current days. With this work it is possible to conclude that the fictional work maintains a strong dialogue with reality and that literature is an important reflection source for Brazilian society.

**Keywords:** Naturalism. Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Modernization. Brazilian Belle époque.

---

## 1 INTRODUÇÃO

*Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo* (AZEVEDO, 2015, p. 37).

Escrito por Aluísio Azevedo, maranhense nascido em 1857, na capital do estado, São Luís, *O Cortiço* marca a história do naturalismo brasileiro, com sua primeira publicação em 1890. Azevedo, que começou os estudos com a pintura, aos 19 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Academia Imperial de Belas Artes e mostrando seu afluente talento para desenho, caricaturas e poesia. Em 1879, Aluísio retornou ao Maranhão e dedicou-se à literatura, com a publicação de seu primeiro romance, *Uma lágrima de mulher* (1880), com fortes tendências românticas e sentimentalistas. Em 1881, Aluísio veicula sua obra *O mulato*, livro que inicia o movimento naturalista no Brasil. Essa obra denuncia o preconceito racial existente na sociedade, assim como o comportamento do clero, conforme acentua Silva (2012, p. 63): “[...] os padres disseminavam uma má conduta na sociedade, engravidando moças e tirando mães de seus deveres domésticos para passarem muito tempo na igreja”.

De volta ao Rio de Janeiro e influenciado por escritores como o francês Émile Zola e o português Eça de Queiroz, Aluísio tornou-se um dos precursores do movimento realista-naturalista, trabalhando como escritor e caricaturista e, ao mesmo tempo, mostrando em suas obras um profundo incômodo diante das mazelas sociais. O preconceito, o adultério, as lutas dos menos favorecidos, os abusos cometidos pela igreja e a exploração do pobre pelo rico são temáticas relatadas em sua forma mais grosseira e natural possível.

*O Cortiço*, tema de estudo do presente artigo, clássico do naturalismo brasileiro, narra a história do crescimento da massa trabalhadora no Rio de Janeiro, da vida pobre e do desejo de enriquecer. São assuntos interpretados pelo protagonista João Romão, um português que trabalha desde menino para um vendeiro no bairro do Botafogo, herdando com a morte dele, como forma de compensação dos pagamentos atrasados, a venda e um conto e quinhentos em dinheiro. Para ele, enriquecer torna-se a missão da sua vida, mesmo que seja de forma imoral.

Como narra o próprio Azevedo (2015, p. 11),

proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações [...]. A comida arranjava-lhe, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora.

Economizando cada centavo, João Romão foi aos poucos comprando todo o terreno aos fundos de sua venda e construindo quartos diminutos para habitação. A trama se passa nas proximidades da pedreira, local onde trabalhavam as pessoas sem recursos financeiros, tendo como vantagem a moradia barata e próxima ao local de laboração. Como relata o livro *O Cortiço*,

sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações [...] João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante na porta da venda, contemplava de longe com resignado olhar de cobiça. (AZEVEDO, 2015, p. 15).

Além da compulsão arrivista de João Romão, Azevedo busca outras temáticas, como as condições mais insalubres da dignidade humana, as quais se encontram nos outros personagens. Como foco da escola naturalista, Azevedo representa os personagens em sua condição mais animalésca, com a descrição minuciosa de aspectos biológicos e fisiológicos, seus vícios, comportamentos, sua luta pela sobrevivência, a vida nos apertados cômodos dos cortiços, fazendo assim a representação da realidade vivida por aqueles que foram ignorados pelo poder público no final do século XIX.

Conforme Novais e Sevckenko (2006, p. 133), “casas e ruas fundiam-se numa dinâmica plasmada e difusa, em que os limites espaciais constituíam-se historicamente ao sabor da ambição fundiária dos proprietários e da complacência sonsa das autoridades”. *O Cortiço* é a representação e a síntese da exclusão da população pobre, acentuando a discriminação. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo geral estudar, no romance de Azevedo, o quadro segregativo decorrente dos processos de modernização do Rio de Janeiro e a existência dos pobres a partir dessa expulsão.

## 2 RIO DE JANEIRO, 1890

O período entre 1808 e 1889 é marcado pela presença da família real na capital do Império, o Rio de Janeiro. A presença constante de franceses, a abertura dos portos, o crescimento exponencial da cidade, juntamente com a complexidade existente em abrigar povos diversos, cria uma nova teia de relações:

Novos habitantes vindos das antigas senzalas e casebres do interior do país ou dos portos estrangeiros, somavam-se aos antigos escravos, forros e brancos pobres que já inchavam as cidades imperiais, e junto a eles aprenderiam a sobreviver na instabilidade que marcaria suas vidas também em seu novo habitat. Movimentar-se-iam, todos eles, pelas ruas alvoroçadas em busca de emprego e de tetos baratos para abrigar-se, num deslocamento contínuo que fundia vivências, experiências, tensões – e espaços. (MARINS, 2006, p. 132).

No fim do século, a escravidão é substituída pelo trabalho assalariado, liberando e gerando capitais que antes não se movimentavam. As indústrias, bem como novas formas de trabalho, crescem. O campo expulsa os trabalhadores rurais não especializados, o que desloca grandes populações para as capitais, restando a esses trabalhadores a atuação como vendedores ambulantes e prestadores de serviços que não contam com conhecimento técnico. Como referenciado por Vassalo (2000, p. 105), esse cenário resulta

não só em aumento da oferta de bens e serviços, como também na expansão da área urbana, que vai-se estendendo do antigo Centro em direção à zona sul. Desse modo incorporam-se sucessivamente novos bairros, como Lapa, Glória e Catete, para finalmente atingir Botafogo, epicentro da ação no Cortiço. O Centro da cidade, que concentra o comércio elegante quase todo em mãos de franceses, principalmente na rua do Ouvidor, mantém seu prestígio como área comercial.

O fluxo de trabalho e a necessidade de mão de obra colocam os pobres diretamente vinculados à residência dos ricos, seja para o comércio, para a prestação de serviços domésticos, seja para a exploração de pedreiras e a construção. Não se paga o suficiente para uma condição de vida digna, e a indispensabilidade de se morar perto do local de trabalho é notória. De um lado, está a alta burguesia, do outro, os cortiços. Segundo Novais e Sevckenko (2006, p.137), “casas de comércio dividiam paredes com habitações luxuosas ou remediadas, e não raro com cortiços, estalagens ou casas de cômodos”.

Com a preferência das elites por bairros como Botafogo, Copacabana e Ipanema, a população esquecida buscava se ajeitar onde fosse possível no cenário real. Assim como na obra de Azevedo, o aumento da clientela de João Romão, da extração na pedreira à multiplicação extraordinária de pessoas, fazia com que o cortiço crescesse consideravelmente. A elite exige a modernização da cidade, pressionando os dirigentes republicanos a arrancar o Rio de Janeiro da apatia e da inércia que, segundo eles, eram os resquícios do Brasil Imperial. Para Marins (2006, p. 133), “urgência ‘civilizar’ o país, modernizá-lo, espelhar as potências industriais e democratizadas e inseri-lo, compulsória e firmemente, no trânsito de capitais”.

As figuras marginalizadas, “conhecidas também como ‘classes perigosas’, termo criado pela escritora Mary Carpenter, em 1840, para designar meninos que viviam na rua” (BAHIA, 2012, p. 251), foram abordadas de forma bastante generalizada no Brasil, onde qualquer cidadão desprovido de finanças, mestiço e negro era tratado como marginal. Assim sendo, “a noção de que a pobreza do indivíduo era fato suficiente para torná-lo um malfeitor teve enormes consequências para a história desse país” (CHALOUB, 1996 *apud* SOUZA; BATISTA, 2014, p. 23). Os pobres eram a maior preocupação das elites, tanto que quase três décadas após o lançamento do livro *O Cortiço*, em 1922, houve o movimento de “regeneração”, com a intenção de repaginar o atual cenário, mover a população para que o local fosse privatizado para uso exclusivo da alta sociedade, fazendo ocorrer o “bota-abaixo” de toda a região central do Rio de Janeiro, com o aval de Rodrigues Alves, que já havia sido presidente do país.

Foram utilizadas inúmeras artimanhas para que a cidade, que um dia fora sede do império, agora agradasse aqueles que desfrutavam de melhores condições.

Em outros termos, é como se o país quisesse jogar para debaixo do tapete tudo aquilo que constituía a sujeira “étnica” das classes desfavorecidas, e essa proposta

está ligada às estratégias do esquecimento no Brasil que têm um de seus marcos simbólicos no começo do regime republicano, com a queima dos arquivos sobre a escravidão a mando do ministro plenipotenciário das Finanças, Rui Barbosa, defensor da modernização do país ao estilo anglo-saxônico (FERREIRA, 2007, p. 150).

O começo do século XX no Rio de Janeiro, portanto, viu uma desocupação de áreas densamente povoadas. Os incômodos para os olhos daqueles que consideravam a população pobre como algo indesejado, que deve ser banido de alguma forma, eram levados em consideração. As pessoas foram mandadas para morros e subúrbios, e nas principais avenidas do centro ergueram-se suntuosos prédios rigorosamente parecidos com os que havia nas capitais europeias. Havia princípios básicos que seriam realizados sem que nenhuma barreira pudesse evitar. De acordo com Sevckenko (2003, p.151),

assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia o que pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose [...]: a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional, a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.

A *belle époque* do Brasil acarretou uma linha sucessiva de acontecimentos excludentes na vida da população mais pobre, e seus efeitos ainda permanecem. A intenção de tornar o Brasil um modelo de civilização comparado às capitais da Europa e de ocultar as chagas de um passado sombrio não foram capazes de esconder infortúnios que as populações pobres carregavam em suas pesadas rotinas:

As elites emergentes imputavam-se o dever de livrar o país do que consideravam um atraso, atribuído ao passado colonial e imperial do país, e visível na aparente confusão dos espaços urbanos, povoados de ruas populosas e barulhentas, de habitações superlotadas, de epidemias que se alastravam com rapidez pelos bairros, assolando continuamente. (MARINS, 2006, p. 132).

Nos registros do clássico naturalista de Aluísio Azevedo, depara-se com a função social da literatura de tornar públicas e conhecidas as indiferenças que o povo vivenciava. O processo de exclusão social, que existe desde os primórdios da colonização brasileira, em função de contextos sociais, políticos, culturais e

econômicos, foi agravado quando essas populações foram colocadas praticamente à revelia da proteção do estado. Os personagens representam, de fato, certos estereótipos históricos com que Azevedo quis trabalhar: João Romão, o dono da venda, é o estrangeiro explorador; Bertoleza, a quitandeira, é a escrava; Miranda, o comerciante português e causador da inveja de João Romão, é o representante do imigrante que se julga refinado; Jerônimo, português, é o trabalhador de serviço braçal; Rita Baiana, provocante, dançarina e lavadeira de roupa nos momentos de necessidade, é a típica representação da mulher brasileira; Piedade, esposa de Jerônimo, é a figura da imigrante europeia. Todos os personagens são figuras do padrão de vida que restava àquelas pessoas:

São estes contingentes que estão a necessitar de moradia e vão ocupar as infectas habitações coletivas para populações de baixa renda, anteriores às atuais favelas, cujas condições de insalubridade favorecem a rápida difusão de epidemias, como as febres mortais(...)Tais moradias são conhecidas como casas de cômodo, cortiços ou avenidas, verdadeiras colmeias humanas que concentram cerca de 10% da população do Rio de Janeiro por volta de 1888. (VASSALO, 2012, p. 106).

O processo de modernização do Rio de Janeiro acentuou consideravelmente o fenômeno da segregação socioespacial no país. Azevedo lançou *O Cortiço* um ano depois da Proclamação da República, e é provável que ele já presumira que a sociedade excluída seria ainda mais maltratada com o passar dos anos. Sustentado pela célebre tese de Hyppolite Taine (ANACLETO; KREMSPER, 2012, p. 225) de que “o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à total degradação humana”, o autor foi além, ao expor o cotidiano daquela gente, os comportamentos, a falta de dinheiro, os pequenos espaços para a convivência de muitos, as doenças, os roubos, as traições. Dessa forma,

uma solidariedade algo forçada obriga-os a partilhar tudo, tarefas profissionais e prazeres, como as comezainas domingueiras, acompanhadas de bebida, música, dança, barulho e, não raro, alguma briga ou cena de infidelidade conjugal, além da reclamação dos vizinhos (VASSALO, 2000, p. 108).

Os moradores dos cortiços, das casas de cômodos e das estalagens tornaram-se – assim como as pessoas pobres ainda são – marginalizados. Como mencionado anteriormente, eram julgadas pela sua condição econômica, pelo seu lugar de origem ou pela cor de sua pele. A burguesia detinha o poder de ditar a moralidade humana. Completamente indiferente aos ideais dos pobres, a alta burguesia não concedia nem aprovava os direitos básicos da cidadania. Para a nobreza carioca, não havia diferença entre pobres e marginais. A polícia agia de forma cruel e brutal com todos os moradores de locais carentes. Conforme afirma Bahia (2012, p. 251), “por pensar de forma semelhante, nossos deputados daquela época fizeram associação entre pobreza e marginalidade”.

Essa ideia separatista é resultado da seleção econômica existente, reduzindo as pessoas a lugares onde o sistema não tem eficácia. Os cortiços reais, e de resto o espaço

retratado no romance *O Cortiço*, são a representação de um anseio social e político: “a burguesia deseja que os deserdados se mantenham marginalizados e etiquetados, a fim de que possa saborear sua posição dominante” (SOUZA; BATISTA, 2014, p. 14). O reflexo do passado do país ainda é muito presente na sociedade. A discriminação é acentuada pelas classes sociais, e as chances de igualdade são diminutas. A tentativa – executada com sucesso – de dominar a classe menos favorecida por meio de aquisições materiais foi, e ainda é, muito presente na cultura social, reduzindo aqueles que não têm condição financeira a situações lamentáveis de abandono. Esses rótulos segregam, de forma muito profunda, as relações sociais.

O romance de Azevedo espelha a condição atrasada do Brasil em diversos aspectos. As conciliações existentes no país sempre tiveram como finalidade manter os interesses das elites. A independência do Brasil, em 1822, foi, por exemplo, uma forma de manter os atrativos para os colonos e garantir que Portugal continuasse como o protagonista da invasão. Prova disso é que ela foi proclamada pelo próprio monarca. A abolição da escravatura, em 1888, ocorreu para evitar a reforma agrária. A elite faria qualquer coisa para que isso não se consumasse, além de já carregar a posição de conduzir politicamente o último país da América a abolir a escravidão. A Proclamação da República, em 1889, também é uma conciliação entre a elite latifundiária e o exército, visto que não havia mais sentido apoiar a monarquia. Movido a manter interesses dos afortunados, o país cresceu à base de ofertas desleais, em nome do progresso, em que poucos seriam beneficiados.

*A Bellé Époque* brasileira e todo o seu processo de modernização fazem parte de mais um jogo de interesses, em que, mais uma vez, poucos desfrutariam das graças dessa manifestação política em conjunto com os nobres estrangeiros.

### 3 AZEVEDO E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Azevedo apresentava os leitores com seu personagem principal, João Romão, aquele que se juntou à negra Bertoleza. Ele a engana por toda a trama, rouba-lhe o dinheiro dos seus quitutes, faz com que ela pense que é uma escrava livre, deixando de pagar os valores mensais da sua liberdade. Coloca-a para ajudá-lo no que for necessário, mantendo seu principal interesse de enriquecer. Quando percebe que ela não lhe será mais útil, denuncia-a ao senhor que tinha posse da escrava. Após iludi-la por anos, João Romão coloca seus interesses à frente de tudo e de todos, agindo de forma inescrupulosa para concretizar suas intenções sociais e ter a posição que tanto almejava. A cena final do romance, em que ele entrega Bertoleza ao antigo senhor, estampa dimensões dramáticas:

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo, rasgara o ventre de lado a lado. [...] João Romão fugira até o canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinham, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzisse para a sala de visitas. (AZEVEDO, 2015, p. 266).

A hipocrisia de João Romão trazia sua mensagem. As populações enviadas aos subúrbios e morros eram o resultado de tramoias do poder público e da burguesia para facilitar suas vidas, a qualquer custo, como comprovam os fatos do processo de favelização e de marginalização a que as populações pobres foram submetidas.

O cenário social exposto em *O Cortiço*, constituído de grupos e de situações, expõe, de forma bastante rude, os nichos de cada relação existente. O cortiço, espaço que se torna a fonte da fortuna de João Romão, em função de suas roubalheiras, abriga também circunstâncias caóticas: brigas, separações, revelações, traições, trabalho árduo ou ausência dele, mentiras e golpes.

De forma clara, percebe-se a necessidade do casamento para consolidar a noção de pertencimento, mesmo que este seja infeliz, como o de Miranda e Estela. Também muito presente na obra está o machismo, o posicionamento das mulheres como figuras menos importantes. Na trama, atividades femininas não têm destaque. O machismo era bastante intenso naquela época, e a luta pela causa das mulheres continua em pauta mais de um século depois.

As traições e os relacionamentos extraconjugais faziam parte da rotina do cortiço. Estela, a personagem que mora com Miranda no sobrado bem próximo ao cortiço, relaciona-se fora do casamento, mesmo depois de o marido saber: ele não abre mão de manter-se casado, pois teme perder sua posição e os privilégios da vida que tem com a mulher. É o próprio Azevedo quem afirma (2015, p. 16): “ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso [...] mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera”. Também envolvidos em traições estão Rita Baiana e Jerônimo. Jerônimo é um português que se muda para o Brasil com a família, mostra-se muito trabalhador no começo, até se envolver com Rita Baiana, sensual e provocadora. Jerônimo, que em princípio era homem de bem, assassina Firmo em nome de seu amor pela amante.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati, para cortar a friagem. Uma transformação lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se de seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal. (AZEVEDO, 2015, p. 103).

A esposa de Jerônimo, Piedade, sofre com o comportamento infiel do marido e sucumbe ao álcool: “pobre mulher! chegara ao extremo dos extremos. Coitada! já não causava dó, causava repugnância e nojo. Apagaram-se-lhe os últimos vestígios do brio; [...] dessa embriaguez sombria e mórbida que se não dissipa nunca” (AZEVEDO, 2015,

p. 259). A partir desses personagens, é notável como o romancista descreve o determinismo, as mudanças do homem por intermédio do ambiente em que está vivendo. A jovem Pombinha, uma das poucas pessoas dali que eram alfabetizadas, escrevia cartas de favor aos vizinhos e lia as notícias sempre que possível. Pombinha é noiva de João da Costa, porém se envolve num romance rápido com Léonie, uma prostituta. Após casar-se com João da Costa e separar-se dele, ela segue os passos de Léonie e torna-se também prostituta.

Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie. A serpente vencida afinal. Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta, mas, visto que os desgostos não lhe tiraram a vida por uma vez e, como a desgraçada não tinha com que matar a fome, nem forças para trabalhar, aceitou de cabeça baixa o primeiro dinheiro que Pombinha lhe mandou. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo da velhice e sustentando-a com os ganhos da prostituição (AZEVEDO, 2015, p. 257).

João Romão, citado anteriormente, contempla inúmeras possibilidades de representações sociais: o desejo de enriquecer, a inveja de Miranda, a maldade contra sua amante Bertoleza, a falta de honestidade com os clientes da venda e sua realização final ao se casar com Zulmira, a filha de Miranda e de Estela, mostram a ausência de princípios e valores do personagem.

O cortiço também é considerado uma espécie de personagem na obra, mencionado incansavelmente: os acontecimentos se passam nele, ele coloca em cena um volume de pessoas com uma proximidade constrangedora, e ele ainda é uma forte figura que representa a miséria dos que ali vivem. O cortiço é considerado um núcleo capaz de gerar situações animais, sexuais, duvidosas, traiçoeiras e desonrosas; um “viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão. (AZEVEDO, 2015, p. 259).

O clássico naturalista relata, com a habilidade do autor, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas quando elas não fazem parte de um círculo que recebe respaldo. Em um lugar onde tudo é possível, não existe lei, não existe certo ou errado, nem higiene, hospitalidade ou condições aptas para a sobrevivência digna. Em conjunturas completamente desfavoráveis para a vida humana, há sempre a ocorrência de fatos espantosos, fatais e desumanos. As obras de Azevedo, bem como a escola literária a que ele pertenceu, fazem-nos crer que cada detalhe minucioso de cenas realistas tem a intenção de fazer refletir o cotidiano dos moradores de cortiços e casas de cômodo, esses que não faziam parte da sociedade amparada pelos representantes do estado, que sofriam preconceito e, por isso, viam-se fadados a estar cada vez mais distantes.

A considerar a trajetória de Aluísio Azevedo na literatura brasileira, é possível entrever ali a causa social e política que frequenta seus romances. O autor expõe, em suas tramas históricas, a representação de tragédias reais, trazendo à tona a função

social da literatura e o papel de registro histórico de denúncia das infelicidades pessoais e estruturais. Como bem define Flora Sussekind:

Da literatura exige-se fundamentalmente objetividade. A ela caberia “olhar”, “enxergar” unidades. Tomá-las como ponto indiscutível e “retrata-las”. E fazer com que o leitor receba uma ligeira impressão de realidade; uma tranquilizadora sensação de que se inclui no círculo de uma identidade étnica, cultural e nacional fora de discussão. (SUSSEKIND, 1984, p. 98).

Em sua primeira obra naturalista, *O Mulato*, Azevedo já denunciava a rejeição aos mestiços, bem como o comportamento inadequado de certos membros da igreja, apontando a posição social como distintivo de classe e de etnia. Discriminados pela elite da *belle époque* e do começo do séc. XX, os mestiços, mesmo quando tinham acesso a estudo e cultura, não eram aceitos: “viviam entre ser admirados pela erudição e banidos pela ascendência ou histórico familiar” (SILVA, 2012, p. 61). Azevedo buscou frequentemente a mestiçagem como tema e foco de suas denúncias sociais: os mestiços eram o resultado das relações entre senhores e escravas, de padres que se deitavam com mulheres casadas; eram a herança de um estigma e não podiam casar-se com a mulher amada por causa da cor de sua pele; eram, por fim, o retrato de um país hipócrita que os produzia e os rejeitava. Azevedo usou a literatura para expor os horrores dessa sociedade egoísta e desumana. Veja-se, a exemplo, o trecho de uma fala extraída de *O mulato*:

Ana Rosa, esse Raimundo tem a alma tão negra como o sangue! além de mulato, é um homem mau, sem religião, sem temor de Deus! é um - pedreiro livre! - é um ateu! Desgraçada daquela que se uniu a semelhante monstro!... O inferno aí está, que o provo! o inferno aí está carregado dessas infelizes, que não tiveram, coitadas! um bom amigo que as aconselhasse, como te estou eu aconselhando neste momento!... (AZEVEDO, p. 177).

No livro *Casa de Pensão* (1884), Aluísio Azevedo também usou de seu estilo naturalista para apresentar a história de Amâncio Vasconcelos, um jovem maranhense que anseia por tornar-se médico no Rio de Janeiro. É hospedado na casa de amigos da família, porém, depois de envolver com o boêmio Paiva Rocha, acaba mudando-se para a casa de pensão de João Coqueiro, explorador nato, interesseiro. Com um trágico desfecho, Azevedo sustenta sua ideia de determinismo social, em que o indivíduo é corrompido pelo meio em que vive, com base no determinismo de Taine. No conto, Amâncio vê-se exausto pela exploração que vive, decorrente de seu envolvimento amoroso com a irmã de João Coqueiro, Amélia:

Exigiu tapetes, espelhos, cortinas de chita indiana para a sala de jantar, cortinas de rendas para a sala de visitas; quis moldura douradas nos quadros, estatuetas pelas paredes; não dispensou nos aparadores e nos consolos jarras de porcelana das mais à moda (...). E só com essas coisas e só com a satisfação de tanta exigência é que Amâncio conseguia paliar as revoltas da amante. O desgraçado

já não tinha ânimo de contrariá-la, porque bem conhecia o preço das rezingas e, sem achar meio de reagir, via claramente que as reconciliações se tornavam mais caras de dia para dia. (AZEVEDO, 1989, p. 103).

Azevedo foi, antes de tudo, um naturalista conforme o método de seu tempo. O naturalismo atentava para todos os elementos intelectuais e pessoais para colocá-los como pauta no romance: “tudo o que há na natureza é possível de estar presente em um romance. O escritor deve voltar sua atenção para o mundo que o cerca e usar a objetividade do cientista para descrever o real” (SILVA, 2012, p. 59). Com o retrato de inúmeras realidades, algumas duras demais, Azevedo usou de sua arte para fazer parte da história, enquadrando as transformações sociais, políticas e culturais em seus livros, apresentando aos que pudessem ler a cruel realidade que a sociedade impõe àqueles que não nascem em padrões criados por pessoas afortunadas financeiramente, mas pobres de humanidade. Com maestria, conduziu suas obras à reflexão e à análise dos acontecimentos, das moléstias, do racismo, elevando a literatura a um grande papel nos campos da ciência, o papel de denunciar, de expor a degradação humana, que vem da exploração, do preconceito – de todos os tipos – e da exclusão.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em mais um episódio da história brasileira encontra-se um quadro separatista com raízes profundas. O processo de modernização que ocorreu no Rio de Janeiro no final do século XIX, desde a transição do império para a república, gerou movimentos que tornaram ainda mais intensos os paradigmas dominantes que separam o pobre do rico, as favelas dos “bons lugares para se viver”, o preto do branco. O desdobramento que colocou à margem aqueles que não possuíam recursos é o plantio de relações severas que vivenciam o presente, a exclusão, a marginalização, a segregação, os quais são persistentes na realidade atual.

Tratar da exclusão envolve antigos conceitos políticos, econômicos, sociais, culturais, mas há urgência em questionar os problemas arraigados que continuam século após século. A humanidade tem uma dívida impagável com a população negra, com as populações excluídas, marginalizadas e menosprezadas, e não há nada que seja capaz de amenizar os feitos ocorridos, mas é indiscutível que uma nova postura deve ser assumida. As favelas e os cortiços, os quartos de aluguel, que tiveram seu início na *belle époque* brasileira, ainda permanecem, assim como a falta de oportunidades, de recursos, de dignidade. Pensar em outros saberes para a reestruturação da vida das pessoas é inquestionavelmente necessário.

Mergulha-se hoje na indústria cultural, acostumada a vender incessantemente para obter lucros, mas esquece-se do mínimo para viver decentemente, pois uma nação de pessoas excluídas não pode ter um bom futuro, infelizmente. Eduardo Galeano menciona, em seu livro *As veias abertas da América Latina*, que os povos latinos se especializaram em perder. Há nações que se especializaram em ganhar, mas os latinos se especializaram em perder, em extorquir sua gente, em acabar com seus recursos, em pagar impostos absurdos para que a minoria da população viva sua luxuosa vida, enquanto os pobres trabalham incansavelmente para não morrer de fome. O Brasil se

especializou em perder, quando abriu mão de sua rica herança cultural, vinda de sua população, para enriquecer poucos, e o preço disso é cobrado hoje, com todas as desventuras que assolam o país.

O *Cortiço*, de Aluísio Azevedo, é real no cenário do século XXI, em que as populações pobres continuam marginalizadas, sem acesso à educação de qualidade, sem direito à moradia digna, excluídas pelo racismo. O sonho da igualdade se distancia, pois para que todos tenham as mesmas oportunidades, é preciso haver condições favoráveis, e o processo de educação e de inclusão é fundamental para que o país possa evoluir, sem mais reproduzir estigmas e sublinhar estereótipos.

Como o país que mais tem empregadas domésticas no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Brasil sofre inconvenientes de todos os tipos quando o assunto é igualdade, e os fatos nos mostram que há uma chaga aberta quanto a esse tema. A PEC das domésticas, muito questionada na época em que foi apresentada, e hoje em vigor, é um claro exemplo de como é incômodo para as famílias ricas arcarem com as despesas de ter um funcionário, mas elas exigem ser tratadas como senhorios.

A resistência das elites por qualquer mudança que beneficie as populações excluídas gera imensas discórdias, em que as populações marginalizadas são ofendidas e humilhadas, consideradas desonrosas por terem alguma ajuda governamental, classificadas como inferiores e destinadas a realizar trabalhos pesados e de nenhum nível técnico. Erroneamente, esses aspectos se firmam e crescem com o passar dos anos, mesmo sendo uma função estatal conservar, consolidar e desenvolver a sociedade. O histórico dessas populações é esquecido, como se para elas houvesse as mesmas oportunidades e as mesmas escolhas, enquanto não há.

A verdade é que esse abismo de indiferença que existe onde há fartura para alguns e miséria para outros acompanha o orgulho daqueles que não desejam a igualdade, pois é inadmissível ver o filho da empregada na faculdade, ou ver o porteiro do prédio no shopping center. As amarras são as mesmas, pois ainda se coloniza, escraviza-se e joga-se para os cortiços aqueles que estão fora do padrão criado por ditadores que legitimaram identidades específicas para deslegitimar outras, em detrimento de privilégios para certos grupos. Há aqueles que seguem na luta incansável pela real igualdade dos seres humanos, pela educação, moradia e dignidade dos filhos das senzalas e dos cortiços, e isso a casa-grande jamais perdoará.

Em meio a turbulências de um país em constantes mudanças, Aluísio Azevedo faz da literatura brasileira no período naturalista um meio para documentar e delatar. É a beleza da arte em função da sociedade. Muitos clássicos fizeram história registrando as mazelas sociais, e seus autores se envolviam com as narrativas e lutas do povo, como referenciado por Victor Hugo (2017): “enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis”. Hugo referia-se a seu livro *Os miseráveis*, de 1862, obra que retrata a desigualdade social e a miséria.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/o\\_mulato.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/o_mulato.pdf). Acesso em: 07 jul. 2018.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 103. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- AZEVEDO, Aluísio. **Casa de pensão**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- ANACLETO, G. M. S.; KREMSPER, C. B. As personagens de ficção em O Cortiço, de Aluísio Azevedo. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 26, n. 1, p. 223-232, 2012.
- BAHIA, R. F. M. Quando a pobreza toma corpo: análise sociológica de O Cortiço, de Aluísio Azevedo. **Baleia na rede**, Marília, v. 9, n. 1, 2012.
- FERREIRA, A. M. A relevância da literatura como missão histórica. **Rila**, Santa Maria, v. 4, n.1, p. 149-154, 2007.
- GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. 900. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- HUGO, V. **Os miseráveis**. 13. ed. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- MARINS, Paulo C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. (ed.) **A história da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 3
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, L. U. M. O naturalismo de Aluísio Azevedo: produção jornalística e romanesca. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 13, p. 57-69, 2012.
- SOUZA, P. A. S.; BATISTA, R. A. O determinismo criminológico na obra O Cortiço de Aluísio Azevedo em relação ao modelo socioespacial brasileiro. **Revista Panorâmica On-Line**, Barra do Garças, v. 17, p. 1-22, 2014.
- SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?: uma ideologia estética e sua história, o naturalismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- VASSALO, L. Cortiço e a cidade do Rio de Janeiro. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 103-110, 2000.